

Reservas do Brasil são as maiores da AL

Saldo acumulado desde 2000 subiu de US\$ 130 bilhões para os atuais US\$ 160 bilhões

JULIANA ROCHA
BRASÍLIA

O Brasil foi o país da América Latina que mais acumulou reservas desde 2000. Deram um salto de US\$ 130 bilhões, saindo de um estoque de moeda estrangeira de R\$ 30 bilhões em 2000 para os atuais US\$ 160 bilhões, enquanto as reservas dos demais países latino americanos cresceram US\$ 50 bilhões, pois saíram dos mesmos US\$ 30 bilhões para US\$ 80 bilhões, segundo dados do banco **Credit Suisse**. Essa é a principal razão que explica a ausência de choques econômicos no Brasil, até agora, apesar da crise internacional, mas a blindagem pode não ser suficiente.

O Brasil tem exibido índices macroeconômicos que têm levado o país a atravessar uma crise financeira internacional com certa tranquilidade pela primeira vez desde os anos 80. O problema é que em economia global não basta ter bons fundamentos macroeconômicos. Com a persistência da crise, o Ministério da Fazenda e o Palácio do Planalto já acenderam a luz amarela e elevaram o tom da preocupação.

Apesar de ter feito a lição de casa desde as crises dos anos 90 (mexicana, asiática, russa, brasileira e argentina), o País pode ter dificuldades de resistir a recessão nos EUA, já que isso afetaria também a China, seu principal fornecedor e maior cliente dos títulos do tesouro americano. Com os dois motores da economia mundial em apuros, os reflexos negativos no Brasil poderia mu-

DIAS MELHORES

Indicadores econômicos (em final de período)

Indicador	1997	1998	1999	2007*
IPCA (% no. ano) (1)	5,22	1,66	8,94	3,74
Balança Comercial (saldo - US\$ bilhões) (1)	-6,75	-6,61	-1,28	45,26
Dívida Pública (% do PIB) (2)	31,83	38,94	44,53	44,28
Reservas Cambiais (US\$ bilhões) (3)	52,11	34,36	23,86	160,15
Risco País (pontos-base) (4)		1.203,00	636,00	208,46
Ibovespa (Em pontos) (4)	10.196	6.784	17.091	48.558
Crédito no comércio (R\$ bilhões) (2)	28,98	25,34	28,49	82,93

Fontes: IBGE, ecex, BC, JP Mogan, Bovespa e Centro de Informações da Gazeta Mercantil. * Em 12 meses até julho
Notas: Em 2007; (1) 12 meses até julho; (2) Saldo em junho; (3) Saldo no dia 16/ago; (4) Posição no dia 17/ago
Obs.: Dez/97: Crise na Ásia, Nov/98: Crise na Rússia, Jan/99 Crise no Brasil.

nar a possibilidade de crescimento de 5% esperado para o ano.

Da inflação ao balanço de pagamentos, o Brasil atualmente exibe índices macroeconômicos mais estáveis e resistentes e cumpriu a chamada "lição de casa" na avaliação de especialista, o que levou o risco Brasil medido pelas agências internacionais a atingir o menor índice da história este ano e o governo a sonhar com o esperado grau de investimento, status que atualmente só Chile possui entre as economias latino-americanas.

As reservas têm blindado o Brasil. Esse tem sido o argumento usado pelo governo desde o início da quebradeira de fundos que detém como ativos créditos imobiliários de alto risco, os subprimes, principalmente nos Estados Unidos. Depois das crises internacionais e da desvalorização cambial na década de 90, o Brasil conseguiu recompor as reservas, surfando na onda do crescimento mundial, ao fortalecer o comércio exterior. Em 2000, a balança comercial brasileira fechou o ano negativa em US\$ 720 milhões. Nos últimos 12 meses até julho, o saldo comercial acumula superávit de US\$ 45,2 bilhões.

"O argumento das reservas cambiais é plausível. Temos plena capacidade de pagamento de toda a dívida externa, o que eleva a segurança para os investidores", resume o professor de Finanças e Gestão Empresarial do IBMEC-Rio Ruy Quintans.

O professor afirma que o Brasil também está livre do risco de crédito imobiliário, o estopim da crise financeira internacional. Isso porque o País tem alto grau de inadimplência e baixa oferta de crédito em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), se comparado aos países desenvolvidos, de forma que o grau de exigência para conceder crédito imobiliário é muito alto, diferente dos que ocorre nos EUA, por exemplo.

O fortalecimento do mercado interno é mais um motivo no hall das ações que proporcionam mais segurança ao Brasil. Com a queda da taxa básica de juros, a oferta de crédito para o comércio subiu de R\$ 28,2 bilhões em 2000 para R\$ 82,93 bilhões em 12 meses até julho. A inflação caiu de 9,56% há sete anos para 3,74% em 12 meses até julho.

A alta de 7% do dólar em agosto chegou a gerar preocupação de que os preços ao consu-

midor voltasse a subir. No último relatório de inflação do Banco Central, o cenário externo favorável e o enfraquecimento do dólar foram apontados como fator importante no controle dos preços, o que permitiu a queda da taxa básica de juros, a Selic, hoje em 11,5%. Mas Pedro Batista, estrategista do **UBS Wealth Management**, lembra que o dólar subiu apenas para R\$ 2, o mesmo patamar de maio deste ano.

De todos os termômetros para a segurança dos investidores estrangeiros, o risco-país elaborado pelo **J.P.Morgan** é o mais imediato. Em 1998, durante a crise da Rússia, o risco chegou aos 1.203 pontos. Na sexta-feira passada, estava em 208 pontos.

Diante dos dados positivos da economia brasileira, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, chegou a dizer que o Brasil sairia beneficiado da crise. Afirmou que as agências de classificação de risco poderiam antecipar o grau de investimento ao País, quando percebessem que o Brasil passou pela prova de fogo criada pela turbulência internacional. Um exagero, na opinião do mercado.

O economista-chefe da **Fitch Ratings**, Rafael Guedes, lembra que a dívida em relação ao PIB no Brasil é mais alta que a média dos países que têm a mesma nota de risco, de quase 30%. A dívida líquida em relação ao PIB está em 44,2% no País. "O Brasil melhorou sim seu perfil de risco de crédito. Mais por aproveitar as condições internacionais quando estavam positivas do que por mérito próprio. Para chegar ao grau de investimento, é preciso vontade política para aprovar as reformas da Previdência, Trabalhista e reduzir os custos do governo".